

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Passa Três

código
AV – FO2 – Car

localização
Rodovia RJ-158, no sentido Porto Velho do Cunha

município
Carmo

época de construção
século XIX / XX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
pecuária / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular

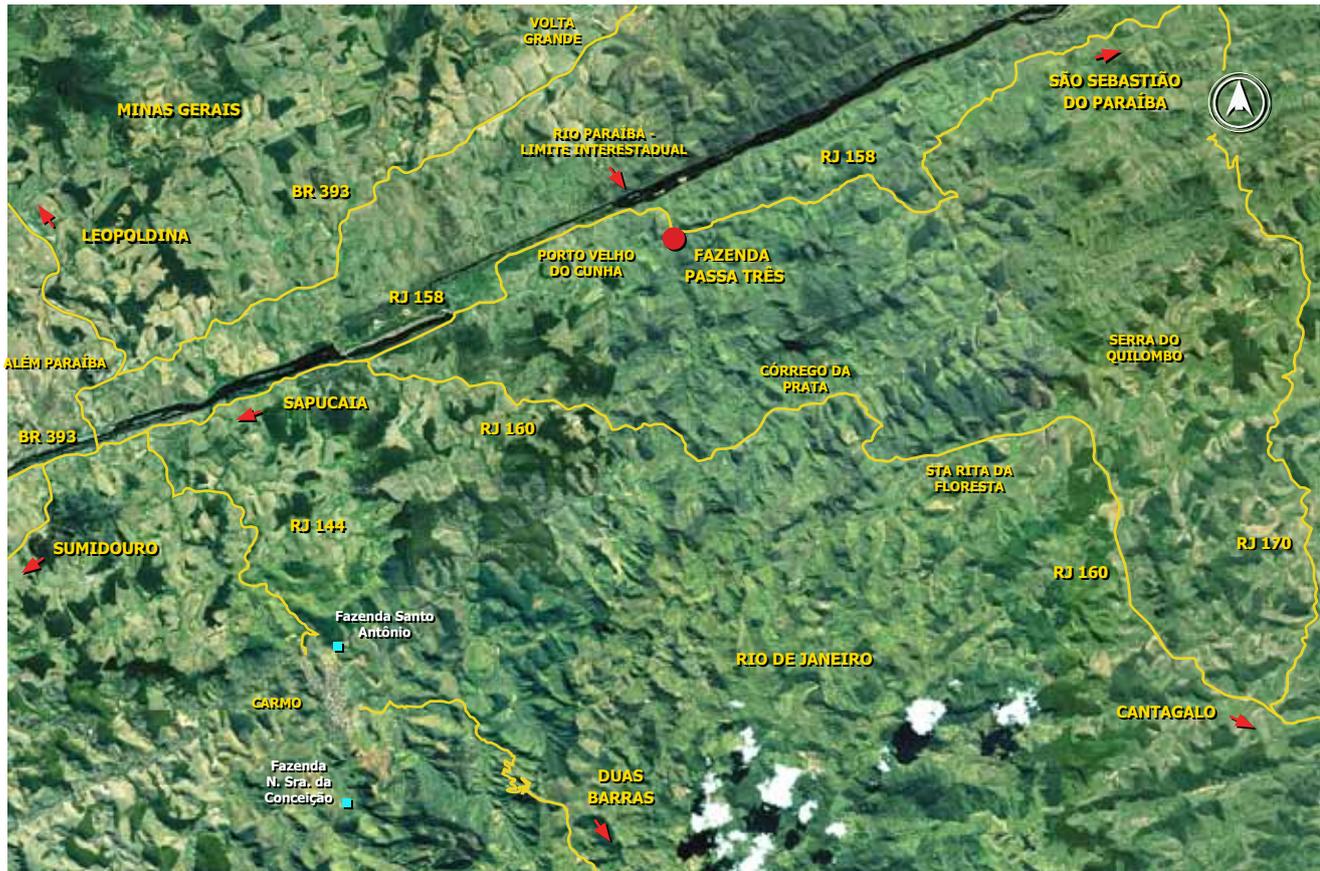


Fazenda Passa Três, vista geral

coordenador / data
equipe
histórico

Sonia M. Rachid – jun 2010
Sonia M. Rachid, J. Roberto M. Ribeiro e Marcos Vinicius
Sonia M. Rachid

revisão / data
Thalita Fonseca – jun 2010



situação



ambiência

A partir do trevo através do qual se chega a Carmo, seguindo 5,5 km pela Rodovia RJ-158, que margeia o Rio Paraíba do Sul, uma placa indicativa para Ilha dos Pombos conduz à localidade de Porto Velho do Cunha. Deste distrito, terceiro do município, partem os 3 km de estrada de terra batida que serpenteiam entre os morros tipo meia-laranja cobertos com pastagens e alguns capoeirões, e que leva à sede da Fazenda Passa Três (f01). Passando pela ponte sobre o Córrego do Recreio (f02), à beira da estrada, avista-se o complexo de prédios que compõem suas instalações. Logo à frente está a sala do resfriador, local onde é armazenado o leite que é coletado diariamente (f03). Destaca-se, em seguida, o conjunto de edificações históricas – a porteira que acessa a parte posterior do engenho, o curral e o bezerreiro (f04).



01



02



03



04

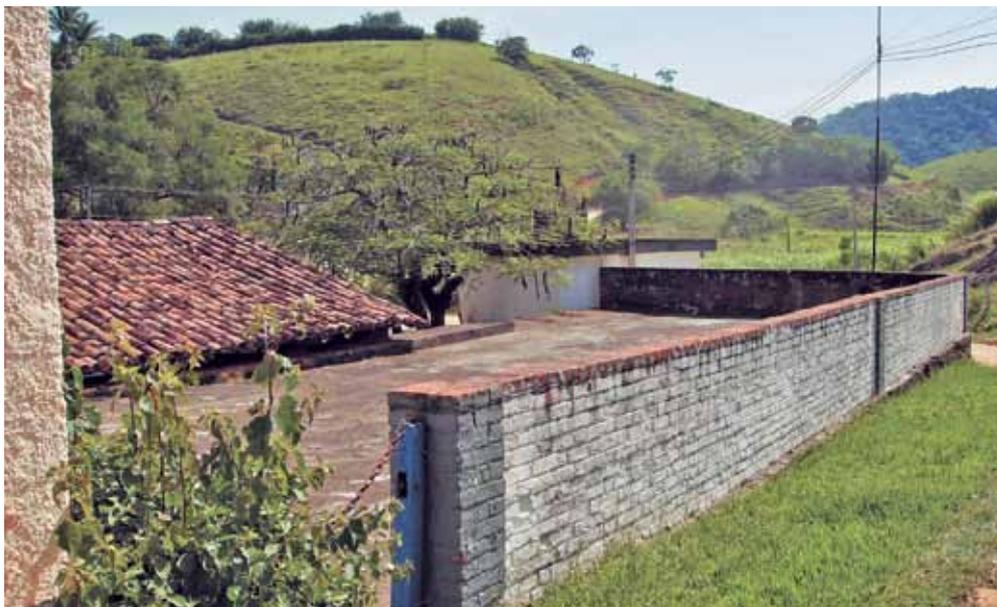
Prosseguindo, observa-se um muro de tijolos maciços pintados de branco, assentado sobre embasamento de pedras insossas (f05), que contorna parte do pátio cimentado do antigo terreiro de secagem do café (f06). Este último está situado num nível mais alto e tem como arrimo uma murada de pedra seca (f07 e f08) que segue até a lateral da casa-sede, podendo ser vista a partir da área aberta do curral.

Um pouco mais adiante, na mesma estrada, escondem-se em meio ao arvoredado, as ruínas de uma murada de pedra (f09), onde, segundo relatos existia um antigo cemitério de escravos: as cruzes e demais objetos simbólicos e religiosos utilizados nos enterramentos foram encobertos pela mata existente.

Na chegada, um gramado com coqueiros precede um muro baixo, que protege a área frontal da casa-sede (f10) e onde se localiza o pórtico de acesso à fazenda, com cobertura de telha francesa e portão de ferro (f11). Atravessando o portão, à direita, há o engenho com sua bela roda d'água (f12 e f13).



05



06



07



08



09



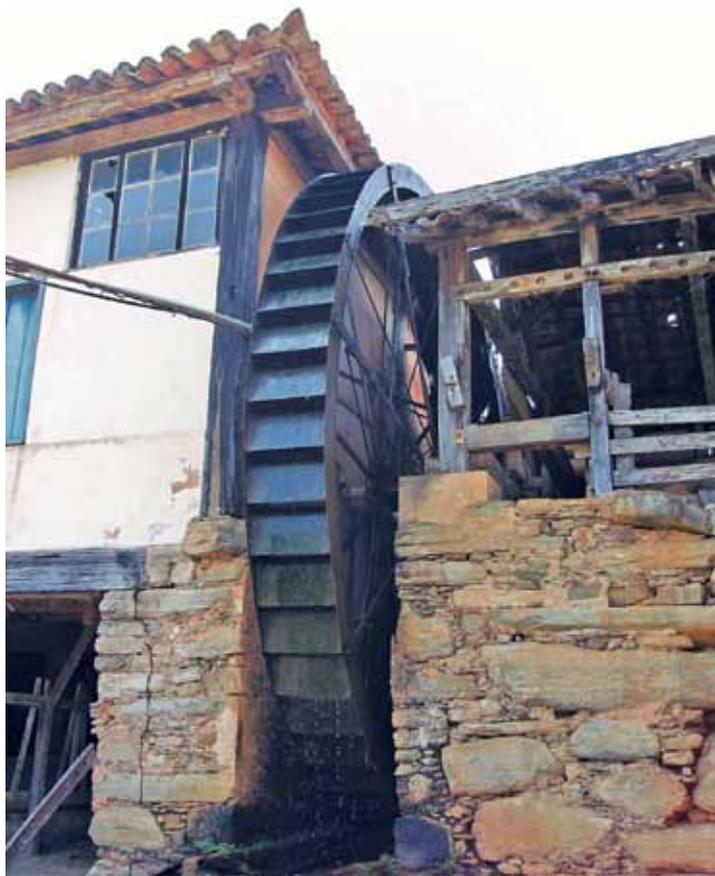
10



11



12



13

Seguindo, encontram-se duas edículas das quais uma é o moinho de fubá (f14), sendo a outra utilizada como depósito, onde antes funcionava uma antiga queijaria, datada de 1917. A continuação do telhado do curral cria um espaço utilizado como garagem, depósito e um barracão (f15).

Logo na entrada, passando sob o aqueduto, chega-se a um extenso gramado com arbustos e palmeiras, e à esquerda, à casa do caseiro com um lago (f16). Junto a esta edificação, colunas de tijolos maciços, cujos vãos são fechados por réguas de madeira, sustentam a canaleta de concreto (f17), que recebe as águas que vêm do tanque de pedra (f18). Para vencer o desnível até o engenho, as seis últimas colunas chegam a medir aproximadamente quatro metros de altura, sustentando a citada calha que, nesse ponto, é feita de ferro (f19 e f20).

O jardim frontal é separado da casa-sede por uma mureta (f21).



14



15



16



17



18



19



20



21

À esquerda está o antigo paiol (f22 e f23), construção que foi adaptada para ser usada como casa de colono (f24) e que está desativada, embora uma parte dela tenha sido reformada para o uso diário. A edificação próxima, em alvenaria e cobertura com telhado de telha francesa, é o galinheiro (f25). Pela lateral da casa e pelos fundos se estende o pomar com cítricos e muitos jambeiros, área delimitada por um muro com embasamento em pedra (f26).

O belo conjunto das antigas edificações rurais se harmoniza com a casa-sede, construída na década de 1960. Segundo relatos do proprietário, o casarão original possuía dois pavimentos e ficava implantado na mesma área onde hoje se encontra a atual sede.

Uma passarela de cimento percorre o meio do jardim gramado, entre topiárias de ecsórias, hibiscos, murtas e extremosas, levando a uma escada em meia-lua que acessa a varanda frontal (f27).



22



23



24



25



26



27

Avançando à frente do bloco da casa, a varanda é contornada por uma mureta com portão de ferro e o telhado sobre laje se apoia sobre colunas de alvenaria (f28). Nota-se que a casa é uma construção alteada e atribui-se seu embasamento de pedra à estrutura da antiga sede.

O acesso se faz pela sala de estar (f29), que se comunica a um quarto (f30) e à sala de jantar (f31 e f32). Para esta sala se abrem um quarto, a sala de TV (f33) e duas circulações: a primeira, à direita, leva a dois dormitórios, e a segunda, à esquerda, distribui dois quartos, o banheiro (f34) e novamente a sala de TV, que faz a transição entre as alas íntima e social com a ala de serviço, onde estão cozinha, área de serviço e um pequeno banheiro. A casa possui laje e cobertura com telhas francesas. Suas paredes são de alvenaria de tijolos maciços, externamente pintadas de branco, com exceção do embasamento, pintado em cinza. Internamente, as paredes foram pintadas de várias cores, sendo uma para cada ambiente (f35), e banheiros e cozinha são azulejados.

O piso utilizado na sede é o taco de madeira, com exceção de alguns espaços, como sala de TV, circulação, banheiros, cozinha e área de serviço, que receberam piso de ladrilho hidráulico, com padronagens diversificadas. Externamente, uma calçada cimentada contorna todo o perímetro.

As esquadrias são de madeira, possuem verga reta e foram pintadas de branco gelo. As janelas apresentam duas folhas de vidro e venezianas, com postigos internos, e nos banheiros e dependências de serviço, as esquadrias são básculas de ferro. As portas principal e da cozinha são de uma folha e almofadadas, possuindo bandeira envidraçada; enquanto que as demais apresentam duas folhas (f36).



28



29



30



31



32



33



34



35



36

Na lateral da casa, através de uma área gramada com cobertura de amianto (f37), chega-se ao antigo paiol, cuja varanda com tanque (f38) foi anexada ao espaço utilizado no dia a dia da lida com o leite. O antigo paiol sobre base de pedra (f39) tem estrutura mista de tijolo e pau a pique, cobertura de capa e bica, piso de cimento e amplas janelas com gradil de madeira (f40).

O engenho, construído junto a um desnível, tem parte de sua área construída sobre porão habitável. As bases são sólidas paredes de pedra seca (f41), com empenas de vedação em tijolos maciços. O piso é, em parte, revestido por lajotas de pedra (f42), e no trecho sobre o porão, os barotes recebem tabuado de madeira. A cobertura é revestida em telha canal.

Do barracão, patamar mais alto do curral, se tem acesso, através de escada em madeira, ao espaço com chaminé, local onde outrora se fazia o melado e a rapadura (f43); no nível do chão, o curral tem lajeado de pedra. A partir do descampado do terreiro, pode-se constatar a existência das canaletas subterrâneas de pedra (f44).



37



38



39



40



41



42



43



44

A casa demonstra ter uma sólida estrutura, com a cobertura em bom estado de conservação, apesar de apresentar infiltração descendente na laje (f45, f46 e f47).

As paredes externas apresentam sujidades, algumas áreas com desprendimento do emboço e descolamento da pintura acrílica (f48). O embasamento também apresenta pontos de estufamento da argamassa de revestimento e presença de umidade (f49 e f50). Internamente, notam-se fissuras pontuais (f51). Observa-se que, em alguns cômodos que têm a ventilação comprometida, o rodapé exibe umidade com descamação do revestimento (f52 e f53). Já as esquadrias de madeira estão íntegras.

Nos fundos da casa, um arrimo de estrutura de concreto foi construído junto ao Córrego das Águas, que passa ao fundo da propriedade, e a exposição de alguns de seus tirantes demonstra que a erosão no terreno compromete inclusive essa área do entorno da casa (f54).



45



46



47



48



49



50



51



52



53



54

A edificação do antigo paiol recebeu intervenções nas paredes internas (ver f24) e fechamento do vão de uma janela, necessitando de pequenas reformas (f55). O conjunto do engenho está muito bem conservado, graças à iniciativa do proprietário de manter a grande roda d'água girando diariamente para não enferrujar as engrenagens (f56 e f57).

Vale citar que as edificações mais antigas recebem a manutenção necessária que preserva e salvaguarda todo o patrimônio.



55

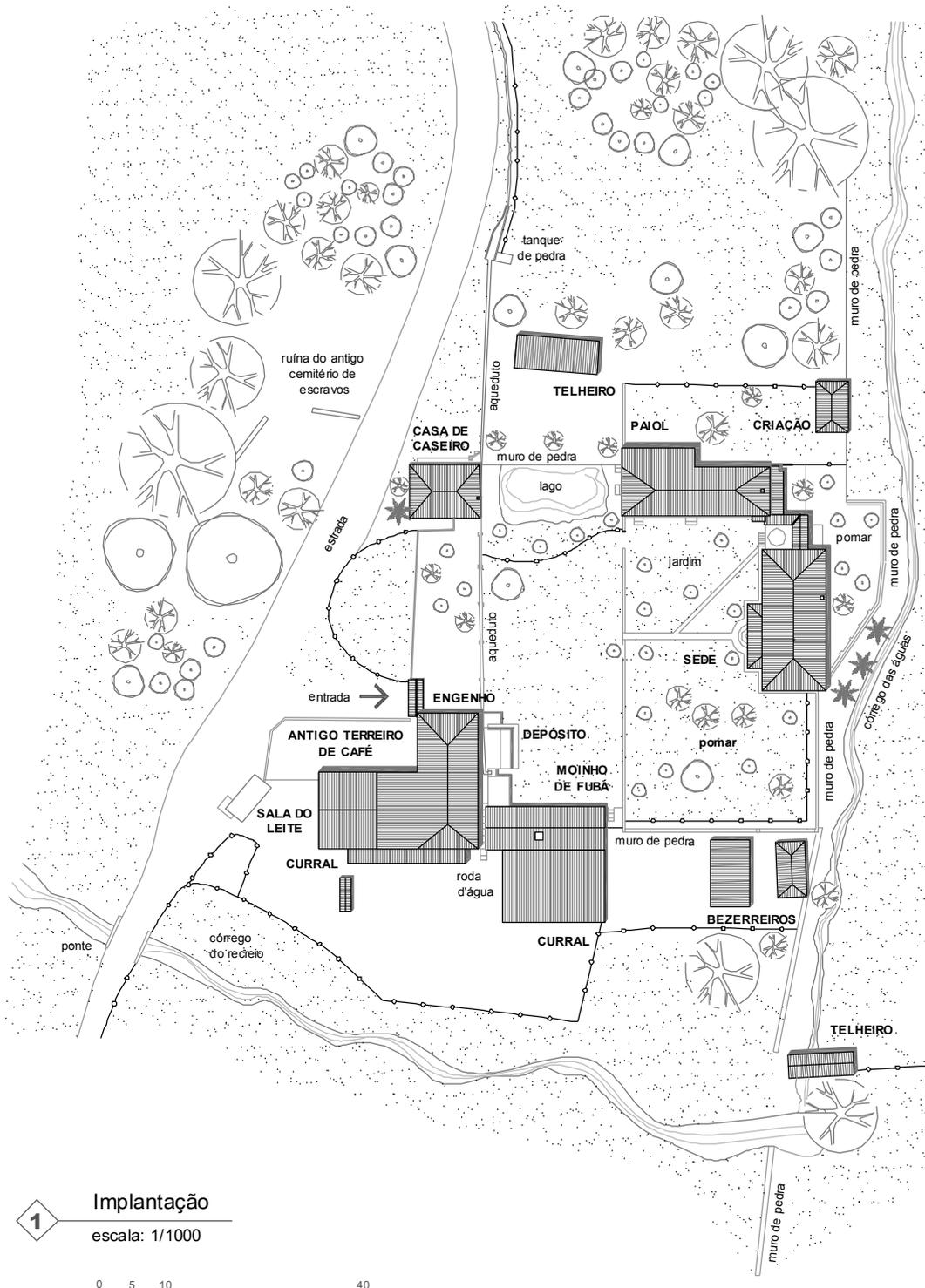


56



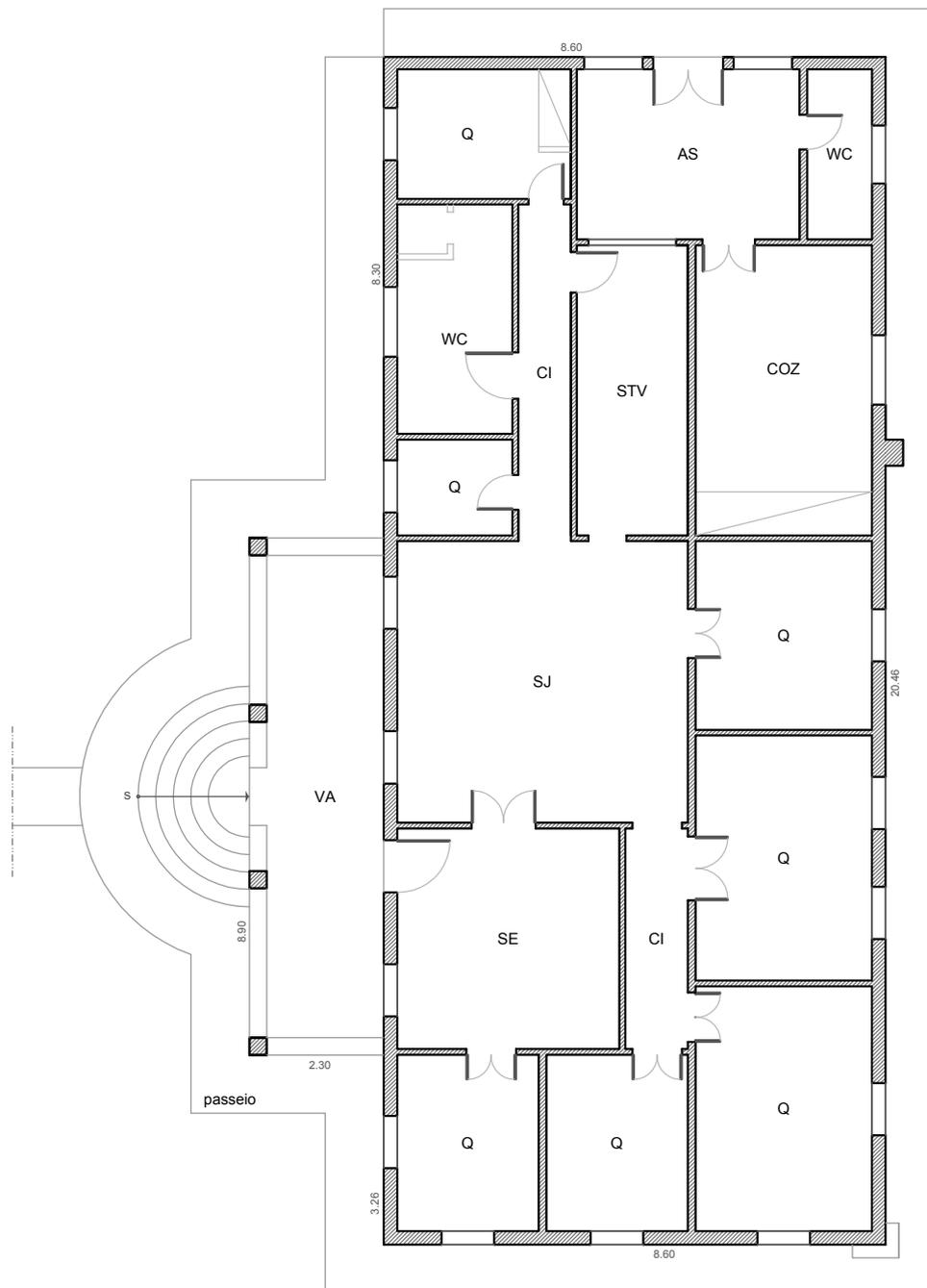
57

FAZENDA PASSA TRÊS



1 Implantação
escala: 1/1000

FAZENDA PASSA TRÊS



1 Planta Baixa da Sede
escala: 1/125



AS - área de serviço COZ - cozinha SE - sala de estar STV - sala de tv WC - banheiro
CI - circulação Q - quarto SJ - sala de jantar VA - varanda

▨ alvenaria existente
⋯ alvenaria demolida

Conforme o Registro Paroquial de Terras, declarado por seu proprietário, o Sr. Francisco Vieira de Carvalho, no ano de 1855:

“Tenho a Sesmaria Passa Três, com 2 posses anexas (vizinha das terras de Eugênio Pandin, na Sesmaria São Cláudio, em Porto Velho do Cunha, e das terras de Francisco dos Reis Custódio, nas Águas Compridas). A posse Boa Vista, anexa à Sesmaria Águas Compridas, que comprei a Luís José de Alvarenga e sua mulher (vizinha de Francisco dos Reis Custódio, da Fazenda São José do Córrego da Prata, de Francisco de Sales Abreu e dos herdeiros de Manuel Antônio Furtado de Oliveira). Outra posse anexa a esta mesma sesmaria (vizinha da situação Palmeira, de José da Fonseca Ramos e seu sócio). Terras na Sesmaria da Soledade, por herança dos meus finados pais. Mais duas posses anexas “às mesmas”, uma denominada Quartel da Saúde e a outra que limitava com a situação Retiro e com os herdeiros do finado Antônio Rodrigues Pacharra”.

Em 1856, era ainda vizinho dos seus irmãos Paulo Vieira de Carvalho e Souza e capitão Joaquim Vieira de Carvalho e Souza, no Córrego d’Anta, Carmo, e de Paulo, Luís e José Vieira de Carvalho, na Sesmaria de São João da Pedra, que herdaram dos pais¹. Em 1835, casou-se em Cantagalo com sua parenta Ana Esméria de Jesus ou de São Joaquim, já f. 1899 (viúva de Joaquim José de Souza Gato), de quem herdou a Fazenda Jararaca, a qual vendeu em 1837².

Consta que a antiga sede desta fazenda possuía uma capela dedicada a São Sebastião e que, em 1890, ainda pertencia à família Vieira de Carvalho.

Segundo informações de Marcelo Cunha, o seu bisavô João Carvalho da Cunha, casado com Ana Carvalho da Cunha, adquiriu a Fazenda Passa Três no século XIX, não sabendo estimar em que época.

Seu avô, que nasceu no início do século XX, herdou a fazenda, e do casamento com Célia Mesquita Soares Cunha, nasceram quatro filhos, sendo três mulheres e um homem. Por ocasião da partilha dos bens coube ao filho, que se dedicou desde rapaz à lida rural, a Fazenda Passa Três.

¹Registro Paroquial de Terras. Propriedade de Francisco Vieira de Carvalho. Sesmaria de Passa Três. Registro feito em 1855, no Livro 24, Registro 15, p.4 e 4v. Freguesia de Nossa Senhora do Monte Carmo, município de Cantagalo. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

² www.genealogiabrasileira/cantagalo_vieiradecarva.htm, visitado em 15.06.2010.